COMÉRCIO EXTERIOR / OMC

CLIENT ALERT

JANEIRO/2020

CHINA E ESTADOS UNIDOS ASSINAM A PRIMEIRA FASE DE ACORDO COMERCIAL QUE PODE PREJUDICAR EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Em 15 de janeiro de 2020, a China e os Estados Unidos assinaram a primeira fase de um acordo comercial[1] e econômico entre os países propondo soluções para a guerra comercial iniciada no começo de 2018, quando o presidente americano impôs tarifas sobre produtos chineses. A tensão até então existente entre os dois países prejudicou o comércio bilateral, mas abriu espaço para que outros países, como o Brasil, aumentassem suas exportações.

A primeira fase do acordo, além de versar sobre bases técnicas do comércio entre os países, como propriedade intelectual, transferência de tecnologia e questões monetárias, busca reforçar o relacionamento comercial bilateral entre China e EUA. No anexo 6.1 do acordo, as partes indicam que as exportações americanas para China devem, no curso de dois anos, aumentar em US$ 200 bi. Abaixo, apresentamos as metas estabelecidas no texto por setor:

Valores em bilhões de dólares

	1º Ano	2º Ano	Total em 2 Anos
1. Bens manufaturados	32,9	44,8	77,7
2. Agricultura	12,5	19,5	32
3. Energia	18,5	33,9	52,4
4. Serviços	12,8	25,1	37,9
Total	**76,7**	**123,3**	**200**

Fonte: Anexo 6.1 da primeira fase do acordo entre EUA e China[2]

[1] O texto do Acordo está disponível em: https://ustr.gov/sites/default/files/files/agreements/phase%20one%20agreement/Economic_And_Trade_Agreement_Between_The_United_States_And_China_Text.pdf

[2] Ibid.

ÁREA DE PRÁTICA
Comércio Exterior / OMC

COORDENAÇÃO
Ana T. Caetano

Para mais informações, envie uma mensagem para **news@veirano.com.br**

Este documento foi elaborado exclusivamente para fins informativos, não devendo ser considerado como opinião legal ou consulta jurídica. No caso de dúvidas, nossos advogados estão à disposição para esclarecimentos.

A reprodução ou divulgação do conteúdo desta publicação é permitida, desde que acompanhada da menção de reserva de direitos autorais, da seguinte forma:
© Veirano Advogados.

© 2020 Veirano Advogados.
Todos os direitos reservados.

Se tais metas forem de fato atingidas, é esperado que haja uma natural queda das exportações brasileiras para China, que deverá absorver uma grande quantidade de produtos americanos. O impacto provavelmente será mais forte no setor agrícola brasileiro, que estava sendo beneficiado pelas tensões comerciais.[3] O volume de produtos agrícolas a ser comprado pela China é bastante significativo. O Senador americano Chuck Schumer acredita que é quase impossível que a China consuma todo o valor indicado no acordo para produtos agrícolas.[4]

A lista de classificação de todos os produtos englobados pelo acordo pode ser encontrada no arquivo de apoio ao anexo 6.1 do acordo[5], que incluí, dentre outros, soja, proteína animal, cereais, algodão e produtos marinhos. O Escritório do Representante de Comércio Americano elaborou resumos sobre cada um dos pontos do acordo que podem ser encontrados aqui.

Phil Hogan, Comissário de Comércio da União Europeia, já afirmou que o bloco considera contestar o acordo frente as regras da Organização Mundial de Comércio.[6] O Ministério das Relações Exteriores brasileiro, até o momento, não emitiu qualquer posicionamento sobre o assunto.

Estamos à disposição caso tenham dúvidas ou necessitem de informações adicionais.

Ana Caetano
ana.caetano@veirano.com.br

Marina Martes
marina.martes@veirano.com.br

Lucas Biasetton
lucas.biasetton@veirano.com.br

[3] https://www.infomoney.com.br/economia/quais-os-efeitos-do-acordo-comercial-eua-china-para-a-economia-e-para-as-acoes-brasileiras/ e https://exame.abril.com.br/economia/por-que-o-acordo-eua-china-deve-acabar-com-bonanca-da-soja-do-brasil/
[4] https://insidetrade.com/daily-news/schumer-wyden-brown-question-enforceability-substance-us-china-deal
[5] Primeira fase do Acordo comercial entre China e EUA, p. 56.
[6] https://insidetrade.com/daily-news/hogan-eu-will-consider-challenging-us-china-deal-wto